

“Isso” é uma estrutura significante: “Goza-se de um corpo”

Tania Coelho dos Santos

Publicado em *O desejo é o diabo*, Jimenez, S. e Motta, M.B. (orgs.) pags. 149-163, Ed. Contracapa, R.J., 1999, ISBN 85-86011-27-4

1) *O gozo e o representante da representação*

O corpo é estruturado pela fantasia inconsciente na histéria. Essa descoberta freudiana introduziu um corte que desamparou o saber da medicina de suas certezas, Desde então, a redução do corpo às demandas de uma suposta ordem natural não se sustenta mais. Ao corpo estruturado pelo inconsciente falta, justamente, o objeto que poderia completá-lo e satisfazê-lo garantindo sua inscrição na lógica da luta civilizatória pela sobrevivência. O corpo histérico é inútil aos propósitos da natureza. Freud (1908), afirma que ele é o efeito das exigências civilizadoras de renúncia à satisfação sexual. Efeito excessivo porque o neurótico se impõe outras renúncias, além daquelas que a civilização lhe faz. A natureza desse excesso é um enigma que retorna muitas vezes no percurso freudiano. Em 1923, Freud esforça-se em desvendar as razões desse excesso que se manifesta como o *triebhaft*¹ (o mais pulsional) da pulsão, a repetição. À compulsão à repetição de um mesmo fracasso, o fracasso da sexualidade infantil, Freud chamará pulsão de morte. Em 1930, o nome desse excesso será o irredutível mal-estar na civilização. O enigma da compulsão à repetição do fracasso é formalizado por meio de um irredutível paradoxo no gozo. O sentimento de culpa não é a consequência do gozo. Mais se culpa quem mais renuncia.² O avanço na

¹ “Resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio do prazer que ela domina”. Freud, S.(1920) Além do princípio do prazer, ESB, vol XVIII, Imago Eds, RJ, 1977 pag. 37

² “Essa idéia é de um tipo que nos capacita a compreender que o tema geral estava estava fadado a nos parecer obscuro e confuso, pois nos diz que, de início, a consciência (ou, de modo mais correto, a ansiedade que depois se torna consciência) é, na verdade a causa da renúncia pulsional, mas, que posteriormente, o relacionamento se inverte. Toda renúncia à pulsão torna-se agora uma fonte dinâmica de consciência, e cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última.” Freud, S. (1930) “Mal estar na civilização” vol XXI, Imago Eds. ESB, RJ, 1977 ,pag. 152

direção do gozo também encontra um obstáculo que comparece no exterior.³ A experiência desse limite interior ao campo do gozo deve nos reconduzir à descoberta inaugural da fantasia inconsciente, a primeira mentira histórica. A descoberta freudiana da fantasia inconsciente trouxe à luz o desejo sexual infantil alojado na fantasia de ser amado pelo pai, verdade de aceitação difícil pela ciência e pela opinião dominante de sua época. Em (1919) Freud formaliza uma torção surpreendente da fantasia infantil de ser amado pelo pai elucidando novas vicissitudes dessa estrutura primitiva, mais além do recalque, introduzidas pela regressão à linguagem anal-sádica que termina por convertê-la na fantasia perversa de espancamento: “meu pai me bate”. Freud afirma, textualmente, que “a fantasia de espancamento tem origem numa ligação incestuosa com o pai”⁴. O pai é por essa razão o representante de toda fantasia ou representação possível do desejo. O gozo incestuoso inscreve-se no psiquismo marcado pelo fracasso da sexualidade infantil. Podemos concluir que a estrutura da fantasia primordial implica o pai idealizado (meu pai me ama) e o pai temido (meu pai me bate). O resultado desse paradoxo do gozo é o sintoma, uma formação de compromisso entre a face paterna que mortifica o corpo e destina ao masoquismo (e tudo que se relaciona com ele: a compulsão à repetição, o sentimento inconsciente de culpa e a necessidade inconsciente de punição, e a face paterna que erotiza o corpo e o destina ao prazer.

2) Do pai à metáfora paterna

O pai em Lacan é um significante e não uma representação, é o representante da representação (*Vorstellungrepräsentanz*). A intervenção de Lacan formaliza a função paterna reduzindo-a à sua estrutura de metáfora. O pai é o nome da origem do desejo sexual. Lacan parte da linguagem para conceber o sujeito do desejo inconsciente. Se postula que o inconsciente freudiano é ético e não ôntico é porque o “*inconsciente estrutura-se como*

³ “Uma satisfação ireestrita de todas as necessidades, apresenta-se como método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso porém significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o próprio castigo.” Freud. S. (1930) pag 96

⁴ Freud, S. (1919) Uma criança é espancada, ESB, Imago Ed. 1977, pag. 247

a linguagem". Como reconhece Miller,⁵ esse não é um axioma freudiano. É uma proposição de Lacan e tem consequências: o aprofundamento da dimensão da falta, a radicalização do lugar da castração, o esvaziamento da causa da cadeia significante e reafirmação da dependência do sujeito do "desejo do Outro" onde falta, ao menos, o significante que poderia representá-lo. Toda fala esbarra num limite interior ao campo da enunciação, o desejo do Outro, reticente e impossível de se fazer reconhecer. O sujeito é o efeito dessa falha. Ele se constitui marcado pelo significante fálico, o significante dessa ausência, dessa falta, onde se ancora a diferença sexual. O primado do falo, em Lacan, é o primado da operação significante na sua relação essencial e constitutiva com a castração.

A relação do sujeito ao pai, representante de toda representação possível, é uma formação imaginária. Os reviramentos da estrutura (meu pai me ama, meu pai me bate, bate-se numa criança) apontam a posição primordial de objeto a partir de onde o sujeito advém no terceiro tempo. Esse é o limite interior ao campo do sujeito: porque o sujeito está na dependência do significante e não pode representar-se a si mesmo. Em consequência do significante paterno o sujeito comparece dividido. O sujeito é o que um significante representa para outro significante e ao mesmo tempo o sujeito é um objeto opaco para si mesmo pois "nada diz que o outro significante saiba alguma coisa sobre o assunto".⁶ O sujeito, marcado pelo significante é um corpo que fala mas, não sabe o que diz.

3) *O significante e o corpo: trabalho e gozo*

De acordo com Lacan (1969/70) a função do significante é separar o gozo do corpo - entenda-se, no sentido do que é constituído enquanto tal - destinando-o ao trabalho. O gozo não é uma propriedade natural do corpo. O gozo do corpo é como a energia na natureza. Esta última, mesmo se pretendemos que existe em portência na natureza, não se acumula e

⁵ Miller, J. A Lacan Elucidado, Jorge Zahar Eds., RJ, 1997

⁶ Lacan, J. (1969/1970) O seminário, Livro XVII, O avesso da psicanálise, Jorge Zahar Eds. Rio de Janeiro, 1991 (pag.27)

consequentemente não serve para nada sem a usina⁷. E o que é a usina ? A introdução da medida. Com o advento do significante, o corpo como uma dádiva da natureza é abolido, apagado, mortificado o que, ao contrário do que se poderia ser levado a crer, multiplica suas possibilidades de gozo. O significante introduz um vazio na experiência que é a mediada de todas as coisas: a morte. A morte, da qual ninguém fez a experiência, é o significante que delimita tudo que é da ordem do vivo. Não há vivo sem morto. No coração do vivido inscreve-se o significante da morte acarretando uma falta irrecuperável de um objeto causa, fonte do gozo pulsional. A morte é a medida de todas as coisas vivas.

Nada do que se alcança na ordem do gozo, do que se extrai como efeito do significante é equivalente ou proporcional ao que se perdeu aí. Por isso a pulsão é uma *konstante kraft* e nada do que o homem procura é da mesma ordem daquilo que ele encontra⁸. Tudo que se recupera, é marcado do signo “à menos”. Essa pequena diferença que pode bem ser o signo de um “a mais”. O que se procura e o que se acha são, de todo modo, incomparáveis. A diferença é a prova da efetividade da medida. Toda diferença com relação ao que se esperava é também a oportunidade de um “*mais de gozar*”, de um gozo novo, inesperado. Por isso, podemos concluir que a função do significante é transportar, diferenciar, multiplicar o gozo por meio do trabalho, encadeá-lo como desejo, produzir um saber que é incompleto e um gozo com isso que falta. O resultado dessa operação, volto à insistir é a produção de uma diferença (um resto, um resíduo) o objeto a, marcado de uma duplicidade (um a mais e um a menos) onde vem se alojar a diferença sexual. Pois, se o saber se marca do índice de algo a mais, sempre se verifica incompleto. O passo lacaniano será demonstrar através da clínica com as mulheres que com isso que falta ao saber, também se goza. Vamos esclarecer: se o produto do trabalho do lado masculino é o saber, do lado feminino

⁷ Lacan, J. (1956/57) O seminário, Livro IV, A relação de objeto, Jorge Zahar Eds, 199 , pag.

⁸ “ Que o inconsciente seja estruturado em função do simbólico, que aquilo que o princípio do prazer faz o homem buscar seja o retorno de um signo, que o que há de distração naquilo que conduz o homem sem que ele saiba, em seu comportamento, seja aquilo que dá prazer por ser de alguma forma uma eufonia, que aquilo que busca e reencontra seja seu rastro em detrimento de sua pista – a importância disto precisa ser bem medida no texto freudiano para também conceber qual é a função da realidade” . Lacan, J.(1959/60) O seminário Livro VII, Jorge Zahar Eds., 1988, pag.22

situa-se esse “quase nada, essa coisinha que falta às mulheres” que é a causa do “*mais de gozar*”.

4) *Do mal-estar ao mais-de-gozar*

Há um passo a mais na conquista da castração, desse continente negro da feminilidade, de Freud à Lacan. Isso é uma consequência da formalização do campo freudiano. A cultura para Lacan não é antinômica com o gozo. A pesquisa freudiana deixa em impasse as relações do sujeito com a cultura. O “mal-estar na civilização” é o índice desse efeito do trabalho da sublimação: quanto mais se renuncia, mais se renuncia, mais cresce o sentimento de culpa, de dívida e obrigação. A abordagem do gozo em Freud esbarra no paradoxo: “mais se culpa quem mais renuncia” porque Freud não distingue, - como Lacan veio a fazer - quanto à castração, a diferença entre estrutura e mito ou entre falta (pecado/culpa) e falta (vazio/impossibilidade). Desde então, o trabalho do significante não é o simples exercício continuado e sempre mais exigente da renúncia à satisfação pulsional. Há pelo menos dois motivos para isso:

a) porque a renúncia é a forma de gozar própria ao super-eu e o sujeito que renuncia, como nos adverte Miller (1997)⁹ também é feliz.

b) a incompletude do saber (que em Freud se chama de angústia de castração) é onde se situa a falha onde vem se alojar o “mais de gozar” (a fantasia, o sintoma, o inconsciente e a neurose).

Essa perda, esse desperdício, esse pouco que falta para o Outro ser completo – aí o sujeito está em casa, aí ele goza, ele é sujeito. O pequeno nada, é o vestígio, o rastro, o resíduo da face de objeto do sujeito do significante. Porque um significante é o que representa um sujeito para outro significante, o sujeito, sempre em vias de advir, não sabe nada desse assunto. “Isso” é uma estrutura significante que se repete e, é a essa estrutura repetitiva, que se reduz o “si mesmo” do sujeito.

⁹ Miller, J. A Lacan Elucidado, Jorge Zahar Eds., 1997 pag. 376

5) *O significante, o poder e o gozo*

Miller (1998)¹⁰ adverte que é preciso uma nova teoria do poder para dar conta dos efeitos de vivificação do gozo pelo significante. Devemos à Michel Foucault¹¹ a crítica sistemática às teorias contratuais do poder que ainda parasitavam o pensamento freudomarxista nos anos 70. O poder foi, até Foucault, reduzido à forma da representação, à figura paterna interditora, à propriedade de um grupo, à uma classe, ao Estado, a um centro qualquer que seja. O poder segundo a “analítica das relações concretas” de M. Foucault, é uma rede onde as correlações de forças operam como “objetos puros” não sabem nada do que fazem, são estratégias sem sujeito. O poder não é negativo, não se reduz à forma da lei que diz não, da interdição, da proibição, do mascaramento ou da produção de falsa-consciência, de ilusões ou de ideologias. O poder não se reduz à forma do contrato ou da representação. O poder se exerce, menos sobre a consciência ou o pensamento, e muito mais diretamente sobre o corpo. O poder é positivo, constitui saber e gozo, através de tecnologias políticas extremamente flexíveis e móveis. O poder não se cede, não se apropria, não se transfere, não se detém. O poder se exerce e não sabe nada disso.

Há um passo de Freud à Lacan também no que diz respeito às relações do corpo com a linguagem. A linguagem em Lacan não representa o corpo. A linguagem não exclui o “ser do corpo”. A linguagem produz um saber sobre o corpo o que implica em mortificá-lo. Isso, entretanto, não é tudo e nem é o mais importante para a nossa clínica. A linguagem produz o corpo de um “mais de gozar”¹² - de um “Outro gozo” - mais além do prazer, da realidade e do saber.

Podemos dizer que o significante lacaniano é um conceito que explora toda a potência do conceito freudiano de pulsão. A pulsão é *“um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do*

¹⁰ Miller, J.A. “O osso de uma análise”, Biblioteca /Agente, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, 1998

¹¹ Foucault, M. “História da Sexualidade” Vol I, Ed. Graal, 1975

¹² Cf. Lacan J. O seminário Livro XVII O avêso da psicanálise, Jorge Zahar Eds, 1991

*organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo*¹³. Parafraseando essa conhecida definição freudiana poderíamos ousar dizer que: o *“significante é a exigência de trabalho feita ao corpo em consequência das relações de estrutura que o significante, o poder, o super-eu, a linguagem têm com o gozo”*. Desde a revolução sexual que modernizou as nossas relações com a diferença sexual não paramos de lamentar “o corpo perdido” em consequência do recalque que nos impõe a civilização. Aqueles que acreditam que o poder se exerce como proibição continuam à procura do gozo “fora do significante”. Representação tão confortável quanto ingênua, de vez que nos exime da responsabilidade que nos cabe quanto aos efeitos da psicanálise no campo do gozo. A escolha axiomática pela disjunção entre o significante e o gozo deve ser avaliada em suas consequências clínicas.

6) *Goza-se de um corpo*

“O inconsciente estrutura-se como a linguagem”, isso é verdadeiro tanto para a neurose, quanto para a psicose e a perversão. Não é menos verdadeiro que a fala e sua relação com o que falta à linguagem, entretanto, apresentam-se diferentemente. A dimensão do inconsciente manifesta-se na sua radicalidade na psicose. Nas palavras de Freud, a psicose é tomar as palavras como as coisas¹⁴. Para Lacan, essa não é a definição do inconsciente na psicose, mas, propriamente falando, a definição do que é o inconsciente, um pensamento sem “qualidades”, um “*pensa coisa*”, a estrutura. O inconsciente, na psicose, se mostra, não se recalca, nem se disfarça como na neurose. Ainda nas palavras de Freud, na neurose ocorre uma clivagem entre as representações palavras e as

¹³ Freud, S (1915) . “As pulsões e seus destinos”, ESB vol XIV, Imago Eds. , RJ, 1977, pag. 142

¹⁴ “ Acontece que a catexia da apresentação da palavra não faz parte do ato de repressão mas, representa a primeira das tentativas de recuperação ou de cura que tão manifestamente dominam o quadro clínico da esquizofrenia. Estas tentativas são dirigidas para a recuperação do objeto perdido e pode ser que, para alcançar esse propósito enveredem por um caminho que conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com as palavras em vez das coisas.” Freud, S. (1915) “O inconsciente”, ESB vol XIV, Imago Eds. RJ, 1977 pag. 232

representações coisa que desaparecem da consciência sob o efeito do recalque¹⁵. O recalque é o fundamento da clínica freudiana, onde, o sujeito é sujeito do significante, ou seja, é “*o que representa o sujeito para um outro significante*”. Foi a experiência da psicose e suas relações com a “Mulher” que o levaram a reconhecer o caráter radicalmente *Outro* do objeto do desejo. Desde então, Lacan redefine o significante libertando-o de suas relações com a estrutura da linguagem na neurose. O significante é retomado a partir do seu caráter de literalidade na psicose. A linguagem, para Lacan, já não se esgota na relação de um significante a um outro significante mas, inclui este ponto de suspensão da remissão de um significante a outro significante, lugar do significante puro, da letra, da literalidade da repetição do significante, onde o sentido falta e a estrutura se apresenta na sua materialidade opaca. A falta, na estrutura da linguagem, é irredutível pois, o significante não significa nada. Há autonomia do significante com relação aos significados estabilizados na história pessoal, na cultura ou, ainda, na relação à realidade. Lacan reencontra, nesse passo, o fantasma como uma estrutura repetitiva e sem sentido, tal como Freud em “O Estranho”(1919) e “Bate-se numa criança” (1919).

Freud (1924)¹⁶ confronta essas duas estruturas. Na neurose, segundo Freud, a perda da realidade é parcial e a libido desinvestida dos objetos fica retida na fantasia. É por isso que a linguagem na neurose cede de sua virulenta capacidade de “inventar o objeto” dando lugar à formações simbólicas interpretáveis (há nelas um saber suposto), pois podem ser remetidas a um solo comum de crenças, de valores, de usos linguísticos que permitem circunscrever e limitar as bordas da singularidade do sintoma, seu sentido único e não nomeável. O recalque é a vigência desse limite a conservar. O efeito da metáfora paterna é a da nomeação do Outro. O “nome do pai” é sua representação mítica. Na psicose, o Outro do desejo inconsciente, foracluído do simbólico, retorna no real. E o que é efetivamente

¹⁵ “Ora, estamos em condições de declarar precisamente o que é que a repressão nega à apresentação rejeitada nas neuroses de transferência (pag.207): o que ela nega à apresentação é a tradução em palavras que permanecerá ligada ao objeto. Uma apresentação que não seja posta em palavras, ou um ato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece a partir de então no Ics em estado de repressão.” Freud, S. (1915) pag. 230

¹⁶ Freud, S. (1924) “A perda da realidade na neurose e na psicose” vol XIX, ESB, Imago Eds. RiJ, 1977 ,pag. 229

foracluso? O nome do pai, o “sujeito suposto saber sobre a causa do desejo”. O neurótico - a histérica - diz que o pai é impotente, porque não sabe nada. No seminário sobre “A angústia” Lacan advoga que o sujeito não se reduz à essa vertente do “saber suposto ao pai” mas, inclui uma dimensão “de objeto” que “não sabe nada do que faz”.

O nome do pai é o representante de uma ausência na estrutura, de uma carência significativa. Significa dizer, que por razões de estrutura, não se sabe o que é um pai. Todo saber sobre o pai é “suposto”. O significante fálico também não é a representação do sexo anatômico ou psíquico masculino. É a propriedade erógena que pode inclusive faltar aos órgãos sexuais. Falta ao órgão a garantia de que entrará em função. A função fálica é a reserva libidinal: pura diferença entre presença e ausência ou entre o desejo e o gozo. O falo é o significante em torno do qual erguem-se as angústias de castração: a masculina ameaça diante da possibilidade da perda (do que afinal nenhum homem possui) e a feminina reivindicação fálica do que ninguém tem. Cada um a seu modo zela pela distância em relação ao gozo. A castração, como se vê, é a única garantia do desejo. Segundo Freud, a feminilidade é repudiada por homens e mulheres¹⁷. A psicose tem com a feminilidade, como Lacan elucidou, uma relação diferente daquela que o neurótico estabelece. O psicótico deixa-se “arrastar” por um “empuxo à mulher”, desafiando a angústia de castração, rumo ao gozo. O ponto onde ergue-se o delírio faz, pela via de um saber inventado, as vezes do “nome do pai”. A psicose evidencia esse ponto em que se joga a suspensão do sentido, onde o sujeito barrado dá lugar ao sujeito enquanto objeto do Outro. Sobre essa condição nada se pode saber senão, na posterioridade dos seus efeitos. Nesse ponto, a angústia, que na neurose é o sinal da afetação pelo objeto do desejo inconsciente - sinal da ameaça de destituição subjetiva e da redução do sujeito à sua

¹⁷ “Os dois temas correspondentes são, na mulher, a inveja do pênis – um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino – e, no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem. O que é comum nos dois temas foi distinguido pela nomenclatura psicanalítica, em data precoce, como sendo uma atitude psara com o complexo de castração. Subsequentemente, Alfred Adler colocou o termos protesto masculino em uso corrente. Ele se ajusta perfeitamente ao caso dos homens, mas penso que, desde o início, repúdio da feminilidade teria sido a descrição correta dessa notável característica da vida psíquica dos seres humanos. “ Freud. S. (1937)” *Análise Terminável e Interminável*“, ESB Vol. XXIII, Imago Eds, RJ, 1977 pag. 285

condição de objeto do desejo inconsciente - mostra sua afinidade de estrutura com o que é um sujeito. Freud delimitou essa condição primordial do sujeito a partir do conceito de masoquismo erógeno e Lacan, a redefiniu em termos da sujeição ao significante. Eis aí o que conecta a neurose e a psicose (a estrutura do fantasma) e é diferente daquilo que as separa (a forclusão do nome-do-pai). A estrutura é uma frase por meio da qual cifra-se a relação primordial do sujeito com o significante. A estrutura do fantasma com sua forma repetitiva evidencia-se, no curso de uma análise, como o ponto de suspensão da cadeia associativa, ponto onde evidencia-se a relação do sujeito com a castração: desvela-se a condição de objeto do gozo do outro. É da aproximação desse ponto, de destituição subjetiva, que ao longo de uma análise a angústia é o sinal.

7) A angústia não é sem objeto

O afeto de angústia é a via privilegiada para abordar os efeitos do significante no corpo do gozo. De acordo com Lacan é o único que contraria a regra de que os afetos são enganadores. A angústia é o ponto de certeza, único afeto que não engana. Articula-se diferencialmente segundo o operador estrutural (recalque, forclusão, renegação) porque configuram as posições subjetivas diante da *realidade da castração*, diante da falta do objeto do desejo inconsciente na realidade, qualquer que ela seja. Esse objeto, quanto mais falhamos em situá-lo, por meio da palavra, à uma certa distância, mais ele nos ameaça de “aparecer na realidade” precipitando o acting-out. A angústia é o sinal da relação do sujeito, diante da realidade da castração, à alteridade do Outro, à falta no campo do Outro. Outro barrado desde sempre, por essa razão, o sujeito comparece diante dele marcado pela certeza angustiante de um encontro inevitável com a castração. Esse objeto sem nome, sem imagem, que causa seu desejo, esse objeto inconsciente, no curso de uma análise revela-se como a ficção (fixação) na fusão impossível entre o saber e o gozo. A fantasia, esvaziada das lembranças (sempre enconbridoras) que suscita, evidencia, quando reduzida à sua lógica mínima, que o significante não significa nada. O sujeito, nesse ponto angustiante e irrememorável, reduz-se a um objeto, um resíduo, um repetitivo encadeamento de significantes por meio do qual, mais uma vez parafraseando Freud eu diria: “goza-se de um corpo”.

Essa exclusão entre o saber e o gozo indica que o sujeito do desejo de saber é, também, em exclusão interna, um objeto que deseja. Essa posição de objeto não transparece na clínica do sintoma mas, evidencia-se, na relação da angústia com as patologias do ato: a inibição, o acting-out e a passagem ao ato. No seminário sobre a angústia, ao colocar em jogo os termos que constituem o fantasma como escolha impossível (sujeito barrado e sujeito em posição de objeto a), Lacan concebe a possibilidade de que haja sujeito numa espécie de escolha pela vertente do “Isso” e que seria da ordem de um “eu não penso”. O sujeito, na vertente de objeto, é um “eu não penso” em que se engendra algo que se assemelha a um “ser”. Essa outra modalidade identificatória opõe-se à escolha na vertente do inconsciente, aquela que situa o sujeito como falta à ser, sujeito barrado de um “eu não sou”. Tudo que Lacan desenvolveu acerca do fantasma e de sua relação com a angústia põe em questão, justamente, sua teoria acerca da metáfora paterna e de sua relação com o nome-do-pai. Acrescento que, mais precisamente, Lacan faz um corte com a tese freudiana de que não há fantasma na psicose avançando um tipo de identificação (ao objeto) em oposição inclusiva com a identificação edipiana.

A angústia, o desejo e a lei têm o mesmo objeto, o objeto a. É importante tomá-lo como a única prova da alteridade do Outro. A distância entre o sujeito e o objeto do gozo depende o falo, significante da diferença sexual, geralmente recoberto pelo mito do Édipo, o nome do pai. O nome do pai, na nossa cultura, é o suporte da castração do sujeito. Mantêm a distância em relação a Das Ding (a Coisa) e impede que o sujeito se reduza a ser seu próprio objeto. O manejo da transferência requer a delicadeza de não deixar faltar a falta. Se a falta, falta, então o sujeito entra em angústia, reduzido a um dos objetos a. Esses objetos são “o corpo” tal como ele é representado no inconsciente. Despedaçado, o corpo reduz-se aos objetos da pulsão: o seio, as fezes, o olhar e a voz, além do envelope imaginário e vazio do corpo humano que é o falo. Esses objetos, se o sujeito identifica-se com eles, há o risco de toda uma classe de fenômenos da ordem do ato. O falo, entretanto, enquanto significante da diferença sexual sustenta o sujeito na sua ilusão de unidade. É o fundamento tanto do sintoma, quanto do delírio.

Os objetos a são os dejetos do corpo enquanto gozo. Não são a imagem narcísica do corpo pois, essa última, depende da regulação da função fálica na identificação. É do corpo

auto-erótico que se trata. corpo constituído pelo significante puro (que como a mulher não forma um conjunto, não há o conjunto dos significantes, eles se contam um a um) e que nunca entraram na imagem especular, pois não tem imagem. Esses objetos não se coordenam pela função fálica e não são portanto objetos que se possa trocar com outros segundo as leis da circulação e da troca simbólica. O campo da fala lhes é igualmente estranho. São inomeáveis, indizíveis. O objeto a, único objeto verdadeiramente inconsciente de acordo com Lacan é o significante puro, justamente na medida que o significante não faz conjunto com outros significantes e não pode significar-se a si mesmo. Por essa razão Lacan conclui que apreender-se como objeto é um desígnio sempre masoquista¹⁸.

Bibliografia

Coelho dos Santos, T. “Da lógica da fantasia à finalidade do ato psicanalítico” in, Revista do Tempo Psicanalítico”, no 28, SPID/RJ, 1995

Coelho dos Santos, T. “La psychose paranoïaque et la revolution freudienne française” Seminário do CAPES/COFECUB, Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale, Paris VII, 1995

Coelho dos Santos, T. “As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana” in, Sobre a psicose, Contracapa, RJ, 1999

Coelho dos Santos, T. “As estruturas da psicose: transferência e interpretação em casos-limite” in, Revista do Tempo Psicanalítico, no 30, SPID/RJ, 1998

Coelho dos Santos, T. “Le diagnostique structural dans la clinique: le phantasme et sa traversée” Seminário: Laboratoire/Interactions de la Psychanalyse, Paris VII, 1998

Freud, S.”O Inconsciente”, (1915) vol XIV pag 191, ESB, Imago, RJ, 1977

“As pulsões e seus destinos” (1915) vol XIV pag. 127, Imago Eds., RJ, 1977

¹⁸ Lacan, J. Le Séminaire X, L’angoisse, lição de 16 de janeiro de 1963

“A perda da realidade na neurose e na psicose”, (1924) vol XIX, pag. 229, ESB, Imago Eds, RJ, 1997

“Neurose e Psicose”, (1924/1923) vol XIX , pag. 189, ESB, Imago Eds, RJ, 1977

“Esboço da Psicanálise” (1940/1938) vol XXIII, pag.168, ESB, Imago Eds. RJ, 1977

“Análise Terminável e interminável” (1937), Vol XXIII, pag239, ESB, Imago Eds., RJ, 1977

Miller, J.A.”Lacan Elucidado”, Ed. Zahar, R.J., 1997

“O osso de uma análise”, Ed. Biblioteca/Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, 1998

Lacan, J. in Ecrits, aux Editions du Seuil, Paris, 1966

“Du sujet enfim en question”

“Fonction et Champ de la parole et du langage en psychanalyse “

“L’ instance de la lettre dans l’ inconscient ou la raison depuis Freud”

“D’ une question preliminaire a tout traitement possible de la psychose”

“La signification du phallus”

O Seminário, Jorge Zahar Eds., R.J.

Livro III, As psicoses,

Livro IV, A relação de objeto

Livro VII, A ética da psicanálise, 1988

Livre XVII, O avêso da psicanálise, 1991

Le Seminaire, Livre X. L’ Angoisse, (inédito)

Rabinovich, D. “Sexualidad e significante”, Ed. Manantial, SRI, Los Ensayos, Buenos Aires, 1986

“ La angustia y el deseo del outro”, Ed. Manantial Estudios de Psicoanálisis, Buenos Aires, 1993

